

No decurso do mês de Abril a Embaixada da Grã-Bretanha em Maputo assinou um acontecimento pouco vulgar: a passagem à reforma de um dos seus trabalhadores mais antigos, após 44 anos de serviço. Trata-se de Salatiel Jamisse, homem hoje com 62 anos vividos intensamente e dos quais fala com rara serenidade.

GENTE DA TERRA

SALATIEL JAMISSE **Uma vida** **por quem a viveu**

TEXTO DE FERNANDO MANUEL
FOTOS DE JORGE TOMÉ
E DO ARQUIVO DO ENTREVISTADO

Salatiel Jamisse nasceu há 62 anos em Massinga, na província de Inhambane. Órfão de pai desde a primeira hora, cedo teve que se separar da mãe, que se viu na contingência de garantir o sustento matriculando-se para um curso de enfermagem no Hospital de Chicuke, enquanto o nosso entrevistado ficava sob os cuidados de um tio.

Aos doze anos, sai para a Missão de Cambine a fim de lá seguir

Salatiel Jamisse:
aos 62 anos,
um olhar sereno
sobre a vida





os estudos primários, que interrompeu em 1940 após fazer a terceira classe rudimentar. No ano seguinte, em Janeiro, **vim para Lourenço Marques** para continuar os estudos, tendo-se com essa finalidade inscrito na Escola Paroquial, na altura dirigida pelo Padre António Alves Martins, nome que se tornou bastante conhecido na vida da então colónia de Moçambique. O que poderia ter sido uma carreira estudantil normal para Salatiel Jamisse acabou no entanto de modo imprevisto, quando chegou a vez de fazer o exame da quarta classe: **como condição para o exame, conta, exigiram que eu abraçasse a religião católica.** Como ele, entretanto, professasse já pela Igreja Protestante e se mostrasse irredutível, acabou por ter que desistir dos estudos sem o almejado diploma do curso primário.

O caminho que restava, dado até que estando a viver com um tio poucas possibilidades tinha de escolher outra via, foi o de arranjar emprego: **isso foi em 1943. Em Setembro fui-me empregar na Agência Geral Lda.,** uma empresa que se dedicava à venda de materiais de construção. Como servente, Salatiel Jamisse tinha a função de transportar os tubos e chapas de lusalite que os clientes comprassem. A estada foi aqui muito curta, pois que decorridos dois meses, e embora continuasse como servente, passou a prestar serviço nos escritórios. Devido, quem sabe, à fidelidade de que foi capaz de dar provas durante esse período, acabaria por ser transferido, pouco tempo depois, para guarda de materiais de construção **na casa do dono da empresa,** que agora, passados mais de quarenta anos, funciona como residência do Embaixador da Grã-Bretanha.

Falando desta coincidência, Salatiel Jamisse não deixa de chamar a atenção para a sua ironia, uma vez que afinal, depois destas deambulações iniciais na procura da afirmação profissional, acabaria por estabilizar definitivamente no Consulado daquele país em Lourenço Marques, onde serviu ininterruptamente durante quarenta e quatro anos.

O nosso entrevistado iniciou, de facto, as suas funções naquela instituição em 2 de Fevereiro de 1944, respondendo a uma vaga de jardineiro de que tomei conhecimento com o amigo dum meu primo. Iniciava-se assim uma carreira na qual Salatiel Jamisse havia de se afirmar paulatinamente, subindo a pulso e a custo de muito espírito de entrega e sacrifício, qualidades que o actual Embaixador da Grã-Bretanha, James Allan, não deixaria de destacar no decurso da festa que lhe ofereceu para assinalar a sua passagem à reforma, recentemente.

Após trabalhar todo o ano de 1944 como jardineiro, e aproveitando um convite que lhe foi formulado nesse sentido, no ano seguinte foi ocupar o lugar de telefonista, uma senhora que ia sair porque se ia casar e o noivo não queria que ela trabalhasse. A ocupação de um tal cargo por um moçambicano não nos pareceu facto muito vulgar na altura e o próprio Salatiel Jamisse confessa que nunca conseguiu entender muito bem quais teriam sido as razões da tomada de decisão nesse sentido: fiquei a pensar nisso muitas vezes e o que acho é que talvez se devesse ao facto de eu dominar a língua, para além do facto de que assim eles pagavam menos do que pagavam à senhora, que era europeia.

UMA CERTA II GUERRA MUNDIAL

Fosse como fosse, como telefonista aguentou-se sete anos, ao fim dos quais tinha contraído uma doença de ouvidos que o impossibilitava de continuar: os telefones desse tempo não eram automáticos, como o são os de hoje, e os contactos por eles faziam-se também um pouco à custa da saúde dos tímpanos.

Entretanto, a Europa vivia por esses tempos a tragédia da II Guerra Mundial e que, directa ou indirectamente, tinha os seus efeitos visíveis um pouco por todo o lado: fui afectado para trabalhar como estafeta junto a uma senhora que trabalhava na secção de propaganda do Consulado. Segundo o nosso entrevistado, uma

das atribuições primordiais desta secção era a de despertar as consciências mais ou menos adormecidas na pacatez destas paragens tropicais para a realidade da guerra, com o fito evidente de conquistar simpatias para a causa dos aliados: Portugal comportava-se como uma balança que não sabia exactamente para onde pender e era preciso, aos ingleses, conquistar adeptos, afirma Salatiel Jamisse à luz do que pôde observar.

Entre as obrigações que lhe cabiam como estafeta, estava assim a distribuição da revista London News e de filmes focando a guerra, tanto nos teatros da cidade co-

mo até para os navios, que os levavam para o resto de Moçambique. Nós, é claro, tínhamos prioridade nos cinemas onde se projectavam esses filmes, com entrada gratuita.

Contrastando com a relativa distanciação dos que aqui viviam em relação ao trauma da guerra, estava a atitude do pessoal do Consulado, que Salatiel Jamisse afirma nunca ter sido tão numeroso como então. Muito mais do que isso, estava a atitude dos recém-chegados da Europa, de entre cujas reacções o nosso entrevistado recorda que durante muito tempo após a sua chegada, até que



Abril de 1965, numa imagem com três dos seus seis filhos: a luta pela sobrevivência foi «renhida»

se habituassem, sempre que ouviam o ruído do motor de um avião entravam em pânico. Afirma mesmo que muitas vezes viu respeitáveis senhoras a procurar, aterrorizadas, abrigo debaixo de uma secretária, dando livre manifestação ao instinto de sobrevivência.

Chegava aqui muita gente, também, que fugia das perseguições nazis, bem como marinheiros que davam à praia depois de naufrágios ao longo da costa. Todos re-



David Jamisse: como moçambicanos, vivendo no centro da cidade, «éramos uma ilha»

cebiam assistência, com distribuição de roupa e tabaco, até seguiram caminho de regresso à Inglaterra.

Como acontece com todas elas, a II Guerra Mundial também teve o seu fim, e a vida no Consulado regressou paulatinamente à normalidade. De qualquer forma, a alteração da rotina que ela provocou, no caso de Salatiel Jamisse, só teve significação ao nível estritamente profissional. Fora dele, a vida continuava a implicar os na-

turais desafios que impunha à generalidade dos moçambicanos, a braços com condições de vida extremas, salários baixos e dificuldades outras, de origem diversa.

DANDO DURO PELA VIDA

Para o caso de Salatiel Jamisse, a vida tornar-se-ia particularmente dura, exigindo a aplicação de todas as suas energias quando, em 1949, se casou. Porque convinha aos seus empregadores, ele tinha a sua residência nas dependências do Consulado, onde continuou ainda durante muito tempo — na verdade só viria a sair em 1976 — e o espaço era cada vez menor à medida que lhe foram nascendo os filhos, em número de seis.

Agora adultos — um deles está empregado na embaixada da Grã-Bretanha e outro (a Mingas) ganhou renome como cantora — a sua criação nos já distantes anos da infância terá custado muita insónia ao casal: foi uma luta renhida, recorda o David, um dos filhos, que esteve presente na entrevista e ajudou o pai a recordar muitos dos factos desse tempo. O David acabou por seguir as pegadas do pai empregando-se na embaixada e parece que esta proximidade com os passos do pai se iniciou bastante cedo. Segundo o depoimento que nos forneceram ao longo da entrevista quando o crescimento da família começou a exigir mais do que o salário magro que o Consulado dava, Salatiel Jamisse empregou-se no jornal «Notícias», para trabalhar como telefonista das 17 horas até à meia-noite, isto como complemento à sua jornada normal, que se iniciava de manhã muito cedo.

Ao que parece, a saída não se mostrou satisfatória por muito tempo: acabei por desistir, para me dedicar à venda do jornal. Foi nesta nova actividade que o concurso do David — terceiro filho — se mostrou de particular importância, sempre próxima. O posto onde pai e filho colocavam o jornal ficava na imediações do Hospital Geral do Chamanculo, na zona onde hoje fica o supermercado Dhlambulula.

Para estar lá a tempo de proceder à venda do jornal até esgotar,

de modo a poder estar no Consulado às 7 horas, para pegar no trabalho, tínhamos que acordar às 3 horas da manhã, ir à bicha para comprar o jornal e depois fazermos a caminhada a pé da baixa até ao posto de venda. Um exemplar do «Notícias», ao tempo, custava um escudo e cinquenta centavos e o nosso lucro era de vinte centavos por jornal. No meio da semana, vendíamos cerca de 100 jornais e nos fins-de-semana 150, recordam os dois, por entre um olhar de quem entende muito bem a dimensão do que está a dizer, sem necessidade de muitas palavras.

Vendíamos os jornais todos, recorda Salatiel Jamisse, mas era uma trabalhadeira louca.

Talvez por isso, ou porque os lucros não compensavam o sacrifício, acabou por se ir empregar no «Guardian», para transportar as provas de texto para a censura.

Nos finais dos anos 50, princípios de 60, o horizonte começou finalmente a dar mostras de clarear: no norte, a semente da revolta estava definitiva e irreversivelmente lançada e os efeitos já se notavam também no extremo sul do território: dentre algumas modificações que então se verificaram, Salatiel Jamisse destaca, ao sabor da memória, a extensão da atribuição da cidadania portuguesa aos moçambicanos negros, com a consequente abolição da cader-neta indígena, que foi substituída pelo Bilhete de Identidade, o acesso ao tribunal e algumas de poucas regalias no trabalho.

DA CATEDRAL E DOS JORNAIS

Em 1967, nesta onda, Salatiel Jamisse conseguiu finalmente fazer a quarta classe — com 16 valores, destaca — transmitindo pelo acto um exemplo aos filhos, que faziam os estudos numa escola da cidade de cimento, onde os negros eram quase que exclusivamente só eles. O ingresso nesta escola, que fica mesmo ao lado do edifício onde funcionava o Consulado e é agora a Embaixada, deu-se devido ao facto, atrás citado, de que Salatiel Jamisse vivia com a família nas dependências deste

edifício. O seu filho David dá conta de que a sua carreira estudantil bem como a dos irmãos, teve que se fazer enfrentando toda a série de humilhações e vexames, tanto pela parte dos professores como dos alunos, que tinham preconceitos fortes em relação aos negros.

Muito de preconceitos teve o próprio Salatiel Jamisse que enfrentar ao longo da sua carreira profissional «pois nem toda a gente tinha a coragem de romper com a ordem vigente, que defendia esse estado de coisas. A mudança foi lenta e conquistada palmo a palmo: falando de si, recorda que depois de feita a quarta classe conseguiu tirar a carta de condução, após o que comprou um carro.

A carta valeu-lhe mais uma mudança de profissão, já depois da proclamação da Independência: foi, com efeito, como motorista que encerrou a sua trajectória na Embaixada britânica, este ano.

Homem de convicções religiosas muito fortes, o nosso entrevistado diria, na festa da sua passagem à reforma, que a mão de Deus também teve o seu papel na forma feliz como as coisas lhe correram. Talvez seja esta forma de ver as coisas que o fez referir, quando lhe perguntámos sobre o que era a cidade de então, aquilo que tinha visto na construção da catedral: eram grupos de homens que vinham todas as manhãs e regressavam à tarde, da Cadeia Civil. Andavam amarrados dois a dois com grossas correntes de ferro, e assim trabalhavam. Quando um escorregasse dos andaimes para baixo, tinha necessariamente que arrastar o companheiro.

Era a contradição diz, de ver escravos construindo uma igreja.

Fora isso, as recordações da cidade de Lourenço Marques nesses anos quarenta aparecem mais associadas a casas que então existiam; a Agência Geral Lda, onde se empregou pela primeira vez, ficava atrás de um barracão de madeira e zinco que era a Estação dos bombeiros número 1, onde agora ficam os 33 andares. Da zona da



Com parte do pessoal do Consulado, em 1953: o nosso entrevistado é o último da direita

rádio até ao Tribunal era tudo mato, na Polana só havia o Hotel, cinemas eram o Scala, Gil Vicente e Varietá (222), pontilhando nalguns prédios, tímidos, numa baixa em que reinavam as casas térreas, muitas de madeira e zinco.

Quanto ao espírito da época, talvez se possa ilustrar com esta história, simples: quando ainda vendia jornal, no Chamaneulo, uma vez apareceu um homem que ao ver jovens senhoras à minha

volta à espera da vez disse, para impressioná-las: vou entrar de férias por quinze dias. Preciso de um jornal para ler a cada dia. Dê-me quinze jornais, portanto.

E eram jornais do mesmo dia, esclarece Salatiel Jamisse, morto de riso. Há-de ter sido um dos poucos dias em que as vendas correram mais depressa — quinze jornais de uma vez não é brincadeira...

□